

Repercussão entre internautas da inserção da primeira atleta transgênera na superliga feminina de vôlei do Brasil

Guilherme\Isabela Silva Safraider¹
Adriana Gelinski²

RESUMO

A presente reflexão tem como objetivo compreender a partir dos comentários em sites de notícias, publicadas no ano de 2018, sobre a participação e atuação da atleta Tiffany na superliga feminina de vôlei do Brasil. Tendo como objetivos específicos identificar o conjunto de ideais estabelecidos em relação a binariedade nos comentários dos sites de notícias relacionados a atleta trans Tiffany. Quantificar comentários positivos e negativos em relação a participação da atleta trans Tiffany na superliga feminina de vôlei do Brasil e averiguar o discurso biológico nos comentários sobre a presença em quadra da atleta trans Tiffany na superliga feminina de vôlei do Brasil. Apesar do mundo esportivo ser constantemente marcado pelas relações binárias de gênero tradicionalista e cheia de estigmas (CHAVES, 2015), a atleta trans Tiffany teve aprovação do COI e federações para a sua atuação no esporte de alto nível. A sua inserção no meio esportivo foi de grande destaque nos sites de notícias esportivas, gerando assim apoio e revolta d@s internautas. Assim foram realizadas buscas em um total de 62 sites, deles 18 obtiveram 658 comentários dentre eles comentários positivos e negativos em relação a participação da atleta Tiffany na superliga feminina de vôlei do Brasil. E o restante totalizando 31 sites não obtiveram nenhum comentário em relação ao assunto. Evidenciou-se assim a partir dos comentários que a maioria das pessoas preservam concepções binárias em relação a gênero e mostram o quão negativo entendem a participação da atleta na superliga feminina de vôlei do Brasil.

Palavras-chaves: Atleta trans; sites de notícias; noções binárias.

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa; graduandx de Bacharelado em Educação Física; isasafraider@gmail.com.

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa; mestra em Geografia; drycagelinski@gmail.com.

Introdução.

O presente trabalho tem como objetivo compreender a partir dos comentários em sites de notícias, publicadas no ano de 2018, a participação e atuação da atleta Tiffany na Superliga feminina de vôlei do Brasil. No ano de 2016 houve alteração da regra, pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) para a participação de atletas transgêner@s nas Olimpíadas. Em suma, a regra atual não exige operação de transgenitalização, mas sim níveis hormonais adequados e controlados por no mínimo dois anos anterior a competição. Regra esta que possibilitou a inserção de pessoas trans no esporte amador e profissional. No início deste ano esteve em destaque a jogadora de vôlei Tiffany, a primeira mulher transexual a jogar no Brasil na Superliga feminina de vôlei.

A sua atuação teve grande repercussão em sites de notícias esportivas, apoio e, principalmente, revolta entre as/os internautas, visto que o esporte é marcado pela binariedade de gênero, começando que quase todos os esportes são divididos em categorias distintas para homens e mulheres. A partir de então questiona-se este padrão binário e heteronormativo qual homens tem pênis e são masculinos, mulheres tem vagina e são femininas (CAMARGO; KESSLER, 2017).

A repercussão da participação de Tiffany foi tamanha que foram encontrados sessenta e duas (62) notícias, em sites nacionais e internacionais no período de janeiro a abril de 2018. A soma dos comentários chegou ao total de 658 comentários. Foram todos analisados e classificados em: a favor, contra e sem relação.

Desta forma, foi pesquisado no *Google* notícias com as palavras Tiffany e vôlei, foram utilizadas todas as matérias que foram publicadas neste ano (2018) no período de janeiro a abril. Nesta pesquisa foram encontrados 62 sites, nacionais e internacionais, destes somente 18 foram comentados por internautas, os comentários somaram-se em 658 que posteriormente foram divididos em a favor, contra e sem relação. Para a primeira divisão tiveram 39 comentários, para a segunda 540 e para a última 79.

Para análise do conteúdo dos comentários foram tiradas evocações e separadas em subgrupos, para aqueles favoráveis obtivemos subgrupos: comentários que é o seu direito participar, com 10 citações; ela está dentro da regra, 9 vezes evocado; que são novos tempos e as pessoas utilizam opinião leiga, com 6 cada; internautas que acreditam que é resultado de muito treino e que pessoas contra é por preconceito ou discriminação, somaram 5 cada.

Uma atleta trans? reflexões sobre identidade de gênero, corpo e discursos nas redes sociais.

Partindo da premissa que o mundo esportivo é constantemente marcado pelas relações de gênero, normatizações e cheio de estigmas, pode-se entender os espaços esportivos como espaços generificados. Assim, torna-se imprescindível estabelecermos como um dos fios condutores as reflexões sobre identidade de gênero e corpo.

De acordo com Lanz (2015) as identidades fora da hegemonia heterossexual ou "gênero-divergentes" rompem e afrontam a heteronormatividade e a noção binária gênero homem\mulher. Tais identidades transgridem os discursos hegemônicos de gênero. Entendemos que as sexualidades podem ser compreendidas como uma complexa malha de regulação (FOUCAULT, 1997), historicamente construída por discursos, práticas e normas.

Entendendo as noções binárias homem x mulher, masculino x feminino como produtos do mecanismo de gênero, este que, por sua vez, é construído e estabelecido de forma pré-discursiva, podemos estabelecer assim uma conexão com nosso fenômeno.

O mecanismo de gênero, regula e normatiza os corpos, esses corpos, por sua vez, que não seguem este modelo regulatório são passíveis de punição e vigilância para se adequar às regras estabelecidas (BUTLER, 2003) nas mais variadas espacialidades desde a escola, casa da família, praças, espaços de sociabilidade até os espaços esportivos. Ressaltando que o espaço pode ser compreendido a partir das as relações e os discursos estão conectados e compõem a vivência das pessoas, ao passo que determinados espaços podem ser acolhedores e outros excludentes. Além disso, os espaços, de acordo com Massey (2000), são constituídos pelas relações, compreendendo que o espaço é o lugar de encontro:

em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala, seja uma rua, uma região ou um continente. (MASSEY, 2000, p. 10).

Desta forma, como afirma Butler (2003), o mecanismo de gênero reforça e naturaliza as noções de masculino e feminino. Segundo a autora, é a partir dos discursos e práticas constantemente repetidos que a noção de gênero é concebida. Reforça que o gênero não é o que somos em essência, mas é algo que foi produzido, reproduzido e naturalizado.

Para Butler (1990), o gênero nada mais é que uma construção e uma ordem fantasiosa sobre os corpos. Através de repetições, gestos, contextos e práticas há a reiteração sobre a construção de feminino e masculino, isto é, através da performatividade. Butler (2003) reforça ainda que a materialidade corpórea está diretamente ligada aos discursos. Para a autora, o gênero e o corpo são elaborados e interpretados, ou seja, fazem parte de uma construção.

Desta forma, a autora ressalta que o sexo não pode ser entendido como uma unidade estática do corpo, mas sim é entendido como algo discursivo, produzidos devido às práticas regulatórias. Sendo assim, o gênero é resultado de um mecanismo. Para Scott (1989), o gênero está associado com as relações de poder. Este por sua vez, não está desencaixado do contexto cultural, social, histórico, político e religioso que o elaboram e o mantêm, como afirma Butler (2003). Noutras palavras, o gênero não é algo que a pessoa é em sua essência, mas é elaborado de maneira pré-discursiva, aberta para atuação na cultura (BUTLER, 1990). Butler (1990, p.15) ainda afirma que:

o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.

Pensando assim, ao evocar que uma criança antes mesmo do seu nascimento é uma menina ou menino, há uma suposição do sexo, gênero e desejo como algo a-histórico, antecedente da cultura, constituindo assim um pensamento binário. Butler (2003) também afirma que esta prática faz parte de uma ordem, leia-se, é parte da norma hegemônica heterossexual. Logo,

Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados. De fato, pode ser que o próprio aparato que pretende estabelecer a norma também possa solapar esse estabelecimento, que esse estabelecimento fosse como que incompleto na sua definição (BUTLER, 2015, p. 254).

O que equivale dizer que o gênero é entendido como uma produção, reprodução e expressão ou, como conceitua Butler (2003), é uma identidade constituída. Pensando assim, as roupas ou a forma de se vestir, seguindo uma norma ou não, transforma um corpo reconhecível, ‘apropriado’ ou não (LANZ, 2014). Para a autora, a roupa torna-se um dos meios para os corpos serem identificados ou estigmatizados dentro de contextos específicos. Logo, a roupa não é

apenas uma vestimenta, mas faz parte da identidade da pessoa, a qual se torna uma marca para o corpo.

O corpo, antes de qualquer coisa, está no espaço como é o espaço (Lefebvre 1991 [1974]), e este mesmo corpo vivo dotado de energias, envolto por redes de relações (BUTLER, 2015), também carrega marcas. Noutros termos, o corpo não é somente natural e fixo, mas sim é fluido e móvel, sendo entendido e significado no tempo e espaço (SILVA E ORNAT, 2016). Para tanto, este “corpo não apenas existe no vetor das relações, mas é o próprio vetor” (BUTLER, 2015, p. 85). Corpo este ilimitado em suas práticas, discursos e mobilidade na exterioridade.

O corpo está em um tempo e espaço que não controla, estando social e geograficamente distribuídos. (SILVA E ORNAT, 2016). Desta forma, as roupas ou a forma de se vestir, seguindo uma norma ou não, transforma um corpo reconhecível, ‘apropriado’ ou não (LANZ, 2014). Para a autora, a roupa torna-se um dos meios para os corpos serem identificados ou estigmatizados dentro de contextos específicos. Porém, algumas marcas são mais suscetíveis à estigmatização e preconceitos como evidenciado nos comentários analisados em relação a atleta trans. Como evidenciado nas tabelas que seguem, onde os comentários foram analisados e separados em evocações favoráveis e não favoráveis.

Natureza	A favor	Contra	Sem relação	Total
Quantidade	39	540	79	658

Comentários a favor	
Evocações	Quantidade
Seu direito	10
Está dentro das regras	9
Novos tempos	6
Opinião leiga	6
Muito treino	5
Preconceito/discriminação	5
Outros	8

Comentários contra

Subgrupo	Evocações	Quantidade
Binário	Homem/XY/masculino	274
	Desempenho de homem/ vantagem física	181
	Fim do esporte feminino	43
	Orientação sexual	29
Ideológico/Político	Coisa/culpa das feministas	26
	Lei Maria da Penha	8
	Vão falar que é preconceito	30
	Politicamente correto/ LGBT/esquerdista	42
Motivos	Pelo menos é ruim	21
	Porque não teve destaque na liga masculina	25
Ofensas	Aberração/nojo/traveco	40
	Vergonhoso/absurdo/ inaceitável	47
	Covardia/injustiça/abuso	37
Soluções	Times/ligas de trans	70
	Times mistos	7
Outros	Dopping/ homens trans	19

Diante de um total de 658 comentários, evidenciou-se que 540 foram não favoráveis e dentre eles em sua maioria são comentários relacionadas a questão binária. Evidencia-se que há uma leitura no corpo de uma pessoa trans diretamente relacionada a genitália e a questões biológicas. Desta forma, para Lanz (2014, p. 4) o termo transgênero pode ser entendido como “um termo guarda-chuva”, destinado a reunir debaixo de si todas essas identidades gênero-divergentes, ou seja, identidades que, de alguma forma e em algum grau, descumprem, ferem e/ou afrontam o dispositivo binário de gênero”.

O termo transgênero é muito abrangente, nele não cabem apenas as pessoas transexuais (pessoas que recorrem a hormonização e/ou cirurgias), mas também pessoas que desviam do dispositivo binário de gênero desde a utilização de acessórios “masculinos” e/ou

“femininos” (LANZ, 2014. AGUIAR; QUADRADO, 2017). A transgressão destes padrões leva a viver a margem da sociedade, como é dito por Lanz (2016, p. 206):

Ser uma pessoa transgênera é ser um não-ser. [...] significa muito mais do que simplesmente não ter a própria existência legitimada pela sociedade e, em virtude disso, não gozar nem de cobertura na matriz de inteligibilidade cultural nem de cobertura jurídica para a própria existência.

Diante disso, há a marginalização das pessoas gênero-divergentes, nos mais variados em espaços como a casa da família e a escola, bem como são excluídas “do acesso e permanência ao esporte e lazer” (GOELLNER, 2010, p.72). Pois este é um espaço marcado constantemente pela diferença de gênero pautada na binariedade somente, produzindo e reiterando concepções normativas.

Esta forma binária de pensar foi reforçada pelos discursos da medicina, áreas jurídicas, biológicas e religiosas, pois asseguravam/asseguram que existem duas classificações: somente homem e mulher. No entanto, inúmeras são as combinações possíveis entre os arranjos sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2003), uma vez que uma pessoa traz consigo todos os acessórios e combinações para se transformar. Logo, pessoas com o corpo identificado como feminino, devido a sua genitália e seus seios, podem trazer combinações como suas práticas, expressões e roupas associadas ao masculino.

Pensando assim, a sociedade, muitas vezes, faz uma suposição diante de corpos circunscritos como de homens e mulheres. Entretanto, não são as diferenças físicas que posicionam as pessoas em hierarquias, mas sim como a sociedade vê e interpreta o conceito de gênero (ROSE, 1993). Desse modo, a correspondência entre a noção linear de sexo, gênero e desejo (Butler, 2003) é correlata a um conjunto de ideias e valores que a sociedade, a cultura e a vivência constroem e reconstroem dialeticamente.

Desta forma, é ilusório afirmar que o gênero é algo natural, pois ser homem ou “ser mulher é uma construção e representação social” (SILVA, 2009, p. 100), a qual faz parte de um discurso hegemônico da heterossexualidade. Os corpos assim são vistos, representados e identificados de acordo com o sexo/genitália.

Conforme Silva e Ornat (2011), quando nascemos há uma classificação feita pela sociedade, em que são usadas características baseadas na forma da genitália para orientar os gêneros. Tal classificação colabora para que haja relações de poder fundamentadas no binarismo mulher/homem. A partir disso, a sociedade criou certa hierarquização relacionada a características

físicas: aos homens atribui-se a força, razão e objetividade, bem como uma pessoa identificada como homem é aquela que possui características físicas, órgão genital masculino, músculos, barba; por sua vez, são identificadas como mulheres as pessoas com certos atributos ‘ditos’ femininos: cabelos cumpridos, seios e os gestos. No entanto, pessoas que não correspondem às concepções binárias e normativas de feminino e masculino, como o grupo LGBT, são colocadas à margem, lidas como desviantes e pecadoras diante das compreensões religiosas entre outras instituições.

Entretanto, as diferenças físicas e a genitália não definem se a pessoa é mulher ou homem, não definem se irá seguir a linearidade sexo, gênero e desejo; a exemplo do grupo LGBT, tal noção é empregada de forma normativa pela sociedade. Visto que “a materialidade corpórea só adquire existência quando assumida pela existência das ações” (SILVA, J. M., 2009, p. 35) e de acordo com suas vivências e experiências. Noutros termos, não é o fator biológico, mas sim a construção social que “transforma fêmeas e machos humanos em mulheres e homens ou classifica em gênero feminino ou masculino, conforme os papéis desempenhados na sociedade” (SILVA, J. M., 2009, p. 35).

Desta forma, corpos que destoam do ideal binário de gênero exercendo as mais variadas formas de feminilidades e/ou masculinidades estão desempenhando performances de gênero. De acordo com Silva (2009), o ato performático de gênero não existe de maneira individual ou isolada, mas é uma construção através das relações.

Pensar o gênero como essência natural nada mais é que reproduzir o pensamento heteronormativo regulatório. Para Ornat (2011), influenciado pelas reflexões de Butler (2003), a concepção de gênero é construída através de atos repetitivos ou ‘performances’. Assim, é tendo práticas, expressões e se identificando como mulher que alguém se torna mulher, independente do sexo/genitália.

É sendo mulher que alguém se torna mulher. Nós projetamos a nós próprios nos modelos culturais de identidade que nos são oferecidos, e é a partir dessas projeções que criamos em nós a noção da pré-existência de uma tal identidade. Através da socialização, internalizamos os atributos, significados, valores e expressões dos modelos identitários que a cultura tem para nos oferecer, tornando-os parte de nós ou, melhor ainda, nos transformando no próprio modelo que nos serviu de inspiração. (LANZ, 2014, p. 114).

Desta forma, juntamente com o corpo, as práticas, a sexualidade e o gênero compõem o ser de cada pessoa, constituindo assim a identidade de cada pessoa. E não há um destino único e

fixo para os corpos (BUTLER, 2003), mas sim são mutáveis para subverter e rearticular a lógica normativa imposta pelos padrões sociais de sexo, gênero e desejo.

Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente natural nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo. Através de processos culturais, definimos o que é ou não natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas.

Considerações finais.

O presente artigo evidenciou como comentários em reportagens demonstram as noções, concepções binárias em relação a atleta trans Tiffany. Tais concepções têm influência na noção normativa sobre as sexualidades, sobre a noção binária em relação a feminino e masculino, bem como a noção linear sexo, gênero e desejo como algo natural (BUTLER, 2003).

Para tanto, os comentários evidenciaram o não entendimento por um lado e por outro a reiteração de discursos heteronormativo, onde o aceitável e bom é somente corpos que seguem a linearidade de sexo, gênero e orientação sexual. Estando diretamente ligada ao dispositivo hegemônico composto por normas regulatórias de gênero e sexualidade

Referências

BUTLER, Judith. Critically Queer. In *Playing with Fire: Queer Politics, Queer Theories*. Ed. Shane Phelan. New York & London: Routledge. 11-29, 1990.

_____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. A reivindicação da não violência. In: _____. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. A reivindicação da não violência. In: _____. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **Espacio y política: El derecho a la ciudad, II**. Barcelona: Ediciones península, 1972.

ORNAT, Márcio Jose. **Território Descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro

ROSE, Gillian. **Feminism & Geography**. The limits of Geographical Knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.

_____. Performing Space. In: MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Phillip. **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press, 1999.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas**. Discursos sobre Espaço, Gênero e Sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. **Corpo como espaço: Um desafio à imaginação geográfica**. 2016